

Loja Maçônica de Campinas recebe 4 valores novos

Sob a orientação do prof. Paulo José Otaviano, competente sucessor do ex-presidente da República do Brasil — Campos Salles, a mais que centenária Loja Maçônica “Independência”, procedeu, no último dia 11 do corrente mês, às provas de admissão de quatro ilustres cidadãos da cidade de Campinas: L. Faria da Silva, J.O. Pinheiro Lima, D. Francisco Mostaço e C. Pasco-to.

Ser recebido numa Oficina do valor da “Independência”, cujas “colunas” foram, no passado, fortalecidas por Francisco Glicério, Rodrigues Alves, Rangel Pestana e muitos outros patriotas exemplares, e que nos dias atuais ostenta o brilho da inteligência de mestres da estirpe de um Dlede Loureiro, Reinaldo Petrone, M.Ducatti, Armando Salvador da Silva, J. Coelho, João Loureiro, Orival Andries, entre outros, é uma glória sem par. Por mais este motivo, também, os neófitos estão de parabéns.

Contudo, precisamos, nesta oportunidade, deixar aqui a nossa recomendação. Queremos, nesta oportunidade lembrar aos novos que magistrados ou reis, nobres ou plebeus, generais ou soldados, professores ou discípulos, todos, sem exceção, precisam e devem, sob pena de serem instrumentos de lamentáveis crises, provar e comprovar que seus propósitos se identificam com os princípios e com os ideais daquela instituição, sobre cujos ombros repousam a segurança, a tranquilidade, o progresso, a confiança da comunidade, e de que ali labutam homens livres e de bons costumes.

Os exames de seleção às Faculdades por mais rigorosos que sejam, ainda são incompletos, porque cuidam de verificar só a capacidade técnica e científica dos candidatos. Até agora, nada tem sido feito no sentido de se exigir do vestibulando libada formação moral e cívica. E assim sendo? — perguntam eles, imbuídos de princípios efêmeros e utilitaristas — por que devo ser livre e de bons costumes?

O acesso a mais sublime das instituições filosóficas está condicionado àqueles dois, claros e insofismáveis, requisitos: ser livre, ser de bons costumes. Sim, porque o candidato deve ser dotado de capacidade, para assimilar os ensinamentos de respeitáveis e tradicionais mestres da civilização universal. Cristo, o grande Mestre da Galiléia, referindo-se, certa feita, à importância do cuidado que se deve ter com o preparo do campo destinado a receber ensinamentos, adverte-nos enfa-

ticamente: “Não atreís pérolas aos porcos”.

Com efeito, de nada vale a escravos, de nada vale a indivíduos submissos e servís, receber a luz de novos ensinamentos, ou ser informados de boas novas, ou do teor dos despachos dos magistrados. Fatos, atualmente ocorridos, vieram comprovar que tais indivíduos não são capazes de fazer o devido uso destes ensinamentos ou destas revelações. Aliás, é fato comprovado que a luz não se espalha na dissonância das paixões, sob pena de ser deformada e reduzida a trevas.

Nas escolas, nos templos, nas oficinas onde predomina a ignorância premeditada pela valdade, pela arrogância e pelo interesse vil, os ensinamentos constantes das Leis constituídas são deformados e, os atos do Poder Central, as decisões e as comunicações de órgãos de responsabilidades são reduzidos a cinzas.

O vigilante, ao insistir: “Quem vem lá?” não espera e muito menos pretende que a resposta do universitário aborde ou focalize condição social, religiosa ou política. O sentinela da comunidade deseja saber apenas se o candidato é livre e de bons costumes. Os costumes não seriam bons costumes, não fossem eles a consequência de uma atitude resultante da verdadeira liberdade. A ela cabe, com efeito, comandar tudo que não está sujeito às leis cósmicas. Ser livre é ser capaz de prevenir as necessidades, de orientar os instintos, de dominar as paixões, de reprimir o erro e de praticar o bem virtuosamente, destruindo o mal, e com ele suas consequências.

Um indivíduo ostensivamente sujeito a pior das escravidões, qual seja a ignorância imposta e sob a vigilância de esbirros, ao pavor do tácio da “mutua” a opressão sistemática de exigências ditatoriais e ao ostracismo de comunidades cegas, não pode ser de modo algum considerado livre. O homem vestido de púrpura, diante de quem se inclinam todas as cabeças; o legislador poderoso; o magnata da indústria sem escrúpulos, confiantes em seu prestígio, em suas forças, estão sujeitos a tornar-se os maiores dos escravos, cedendo a seus desejos e paixões subalternas, sem outro fim em vista que não seja o engrandecimento, o enriquecimento, o mando.

Por isso ao transpor o arco de acesso ao templo da filosofia, todo aspirante à posse da sabedoria, necessita responder a esta pergunta — “Quem vem lá?” com a única resposta que lhe assegura o sucesso — ser livre e de bons costumes.